Diversificação produtiva e destino da produção agropecuária na agricultura familiar: um estudo no Projeto de Assentamento Celso Furtado em Sergipe

Crop diversification and the destination of agricultural production in family farming: a study of the Celso Furtado Settlement in Sergipe

Júlia Karoline Ferreira Moura
Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, Brasil
Sofia Meneses Mota
Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, Brasil
André Luiz Simonetti
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ, Brasil

GT 05 – Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero no meio rural

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar a diversificação e o destino da produção agropecuária dos estabelecimentos de agricultores familiares do Assentamento Celso Furtado. Para atender ao objetivo, foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. Os dados foram obtidos a partir do levantamento a campo com aplicação de roteiro de entrevistas, do qual foram retirados os dados produtivos (analisados por meio de estatística descritiva) e os dados qualitativos (analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin), além disso, foram definidos dois estratos produtivos: o de maior diversificação (maior que 13 cultivos produzidos) e o de menor diversificação (menor que 13 cultivos produzidos). Os resultados evidenciam que a produção agropecuária do assentamento é essencialmente diversa, mesmo no estrato de menor diversificação. No que corresponde à produção agrícola, o estrato de maior diversificação produz a maior parte dos produtos analisados, porém, o estrato de menor diversificação tem interesse em produzir mais. No que corresponde à produção pecuária, ambos os estratos produzem menos se comparado à agricultura, com valores próximos para todas as criações, com exceção das galinhas poedeiras, que são produzidas em maior proporção pelo estrato de maior diversificação. Para os dados de autoconsumo e venda dos produtos da agricultura, o estrato de maior diversificação apresentou maior proporção de autoconsumo e venda simultâneas, enquanto o estrato de menor diversificação apresentou maior proporção de autoconsumo. Por fim, os dados de autoconsumo e venda dos produtos da pecuária revelam que ambos os estratos têm grande proporção de venda, evidenciando que a pecuária contribui em maior proporção com a renda monetária das famílias. Dessa forma, é possível concluir que a produção de ambos os estratos é convertida em alimento, porém, o estrato de maior diversificação converte, também, em renda (mais que o estrato de menor diversificação).
Palavras-chave: autoconsumo; reforma agrária; segurança alimentar.

Abstract: The objective of this study is to analyze the diversification and market destinations of agricultural production on family farms in the Celso Furtado Settlement. To achieve this objective, a quantitative-qualitative study of an exploratory and descriptive nature was conducted. Data was obtained through field surveys using a structured interview guide, from which production data (analyzed using descriptive statistics) and qualitative data (analyzed using Bardin's content analysis) were extracted. Furthermore, two production strata were defined: the most diversified (more than 13 crops produced) and the least diversified (fewer than 13 crops produced). The results show that agricultural production in the settlement is essentially diverse, even in the stratum with lower diversification. Regarding crop production, the stratum with greater diversification produces most of the analyzed products; however, the stratum with lower diversification is interested in producing more. Regarding crop production, the more diversified stratum produces most of the analyzed products; however, the less diversified stratum is interested in increasing production. Regarding livestock production, both strata produce less compared to crop production, with similar figures for all types of livestock, except for laying hens, which are produced in greater proportions by the more diversified stratum. Regarding data on self-consumption and sales of agricultural products, the more diversified stratum showed a higher proportion of simultaneous self-consumption and sales, while the less diversified stratum showed a higher proportion of self-consumption. Finally, the data on self-consumption and sales of livestock products reveal that both strata have a high proportion of sales, indicating that livestock farming contributes a greater proportion to households' monetary income. Thus, it can be concluded that the production of both strata is converted into food; however, the stratum with greater diversification also converts it into income (more so than the stratum with less diversification).

Keywords: self-consumption; land reform; food security.

1. Introdução

A adoção de sistemas produtivos diversificados possibilita a ampliação da disponibilidade de alimentos variados, saudáveis e culturalmente adequados, favorecendo dietas de maior qualidade. Nesse sentido, a diversificação produtiva assume papel estratégico na promoção da segurança alimentar e nutricional (SAN) que ocorre quando é assegurado o acesso regular a alimentos em quantidade e qualidade suficientes dentro e fora dos estabelecimentos agropecuários.

Embora dentro da categoria "agricultura familiar" existam estratos que estão intimamente ligados aos mercados globais, empregando altos níveis de mercantilização em suas atividades, seguindo um modelo hegemônico, posto pela lógica capitalista, que contribui com a criação de Impérios Alimentares caracterizados pelo controle da produção e processamento de alimentos por grandes corporações globais (Ploeg, 2008), existe, também, um numeroso estrato que baseia suas atividades produtivas em um modelo que vai de encontro do hegemônico. Este modelo de agricultura familiar (AF) desempenha um papel fundamental na promoção da SAN no meio rural, já que as dinâmicas, em sua maioria, são guiadas pelas necessidades da família e não por uma lógica tradicional de mercado global. Ainda, o conceito de agricultura familiar proposto por Wanderley (2009) contribui com essa ideia quando afirma que, ao assumir o trabalho do estabelecimento, a família é proprietária dos meios de produção, ou seja, encontra-se no centro das decisões produtivas, sociais, econômicas e alimentares.

Essa forma de produzir, por si só, evidencia a resiliência perante as mudanças produtivas de cunho global, contribuindo para a conservação de práticas e saberes tradicionais, partes integrantes da cultura local. Para isso, é imprescindível que a diversidade socioeconômica e produtiva regional seja compreendida e abraçada como bandeira, de modo a fortalecer a agricultura familiar (Maluf; Menezes; Valente, 1996), e esta, consequentemente, possa superar a barreira da Insegurança Alimentar e Nutricional (IAN), que ocorre quando o indivíduo não tem acesso adequado a uma alimentação suficiente.

Nesse contexto, observa-se que diversificação produtiva é um caminho possível para que a AF caminhe em direção da superação das vulnerabilidades, ao passo que constrói autonomia, especialmente em contextos hostis que podem levar a externalização dos processos anteriormente realizados dentro do estabelecimento (Grisa, 2007; Ploeg, 2008; Schneider, 2012). Logo, a diversificação produtiva se constitui como uma estratégia para promoção e apoio à SAN no meio rural, pois favorece a melhora da qualidade de vida, especialmente no que

corresponde a AF. Os estudos de Dantas, Souza e Vale (2024), Modenese e Sant'Ana (2019) e Schinaider Segundo *et al.* (2022) corroboram com essa ideia quando apontam que a variedade de cultivos, alimentos e práticas agrícolas sustentáveis perpetuadas pela AF promovem a SAN no meio onde essas famílias estão alocadas.

Dentro da diversificação produtiva, a produção para autoconsumo também merece destaque, já que se caracteriza como uma das estratégias para superação da IAN. A produção para autoconsumo pode ser compreendida como um dos pilares da reprodução social das famílias rurais, propiciando a diversificação das estratégias de superação das adversidades contribuindo com a melhoria da sua qualidade de vida, mesmo que não modifique questões de caráter estrutural (Gazolla; Schneider, 2007; Grisa, 2011). Nesse sentido, a produção destinada ao autoconsumo tem relevância não-monetária e, justamente por isso, contribui mitigando os impactos da pobreza, além de promover a SAN entre as famílias rurais (Grisa, 2007; Grisa; Schneider, 2008). Diante disso, a autora defende que o modo de produção da agricultura familiar voltado ao autoconsumo também diminui a dependência da família para com os mercados, visto que esta tende a produzir o que é preciso para sua subsistência. Ademais, quanto maior é a diversificação de cultivos ou criações no estabelecimento familiar, entende-se que a variedade da alimentação também será maior, logo, serão necessárias menos idas (ou compras) a supermercados, feiras e mercearias para aquisição de alimentos, além de prover um aporte nutricional maior.

Dentro da questão alimentar, merece destaque a atuação dos movimentos sociais rurais. A preocupação com a autossuficiência e acesso à alimentação é uma das principais pautas destes coletivos, que tem a soberania alimentar e nutricional como uma das suas principais bandeiras. No Brasil, estes movimentos são, em maioria, articulações nacionais da Via Campesina, uma das maiores articuladoras de movimentos camponeses da atualidade, representado nacionalmente por movimentos como o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Desmarais, 2007; Ribeiro, 2013). Dessa forma, a soberania alimentar é uma pauta comum aos movimentos sociais rurais ligados à Reforma Agrária, onde a SAN é um de seus pilares (Custódio *et al.*, 2011; Belik, 2024).

O local de estudo deste trabalho é o Projeto de Assentamento Celso Furtado, localizado no município de Santo Amaro das Brotas, Sergipe. Este assentamento foi instituído pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA através do Programa de Reforma Agrária de Sergipe e atualmente é regido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. O Celso Furtado foi selecionado para a pesquisa em decorrência da proximidade pré-existente

entre os agricultores e as pesquisadoras, além de algumas características intrínsecas a ele que despertou a curiosidade de investigá-lo, tais como: articulação do MST no assentamento e a grande diversidade de cultivos agrícolas e criações pecuárias, considerando as diversas formas de produção. Frisando que este trabalho busca contribuir cientificamente com a literatura sobre assentamentos rurais, além de evidenciar a importância das práticas de autoconsumo e venda do excesso de produção e sua relação com a SAN no campo.

Logo, o objetivo do presente estudo é analisar a diversificação e o destino da produção agropecuária dos estabelecimentos de agricultores familiares do Projeto de Assentamento Celso Furtado.

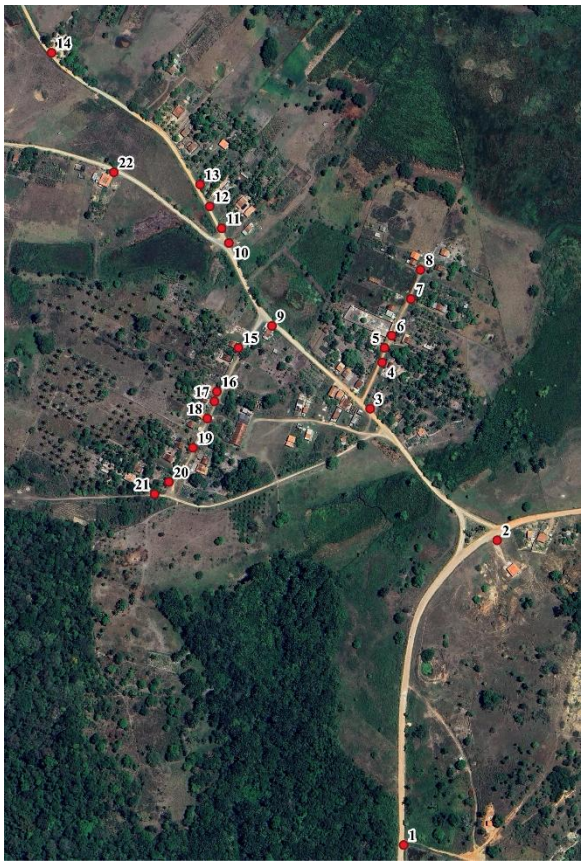
2. Metodologia

O presente estudo adotou uma abordagem quanti-qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, pois busca proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato (Gil, 2008). Ademais, configura-se como um estudo de caso visto que investiga de maneira profunda um único objeto de estudo (Gil, 2008).

O percurso metodológico consistiu em quatro etapas: revisão bibliográfica, coleta, tabulação e sistematização e análise dos dados. A pesquisa bibliográfica foi conduzida com o propósito de fundamentar e identificar o estado da arte sobre a temática investigada e subsidiar as discussões decorrentes da análise dos dados, logo, consistiu na revisão da literatura que contém as mais atuais abordagens referentes ao tema central do estudo, que engloba teses, dissertações, livros e artigos.

A coleta de dados ocorreu nos dias 16, 17 e 18 de outubro de 2024, na agrovila do Projeto de Assentamento Celso Furtado, localizado no município de Santos Amaro das Brotas/SE (Figura 1). Foram analisados 22 estabelecimentos familiares, a partir de um universo de 30 famílias. A seleção das famílias considerou os seguintes critérios de inclusão: ser oficialmente assentado pelo INCRA, desenvolver algum tipo de atividade agropecuária no lote e consentir voluntariamente com a participação na pesquisa. Nesse sentido, das oito famílias que não foram entrevistadas, sete não possuíam atividades agropecuárias no lote e uma não estava em condições de consentir com a pesquisa.

Figura 1 – Agrovila do assentamento Celso Furtado.



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Os dados primários foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas através de um roteiro de entrevista composto por questões abertas e fechadas, possibilitando a obtenção de dados quantitativos e qualitativos. As entrevistas foram realizadas mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o que garantiu o sigilo das informações pessoais (nome, idade, contato etc.) e permissão para gravar o áudio da entrevista.

Os dados quantitativos obtidos na entrevista foram organizados em um banco de dados elaborado no *software* Excel. As variáveis analisadas no presente trabalho são: produção agrícola, produção pecuária, autoconsumo e venda da produção agrícola e pecuária.

Considerando o objetivo da pesquisa, que busca avaliar a produção sob a ótica da diversificação produtiva, foram definidos dois estratos. A definição destes foi realizada com base na mediana do número de cultivos identificados no banco de dados (13 cultivos[1]). Como resultado, foram obtidos os seguintes estratos: (1) Estrato 1: estabelecimentos com 13 cultivos

[1] Salienta-se que apesar de dividir as famílias em dois estratos e tratá-las como 'mais diversificadas' e 'menos diversificadas', este estudo compreende que ambas são diversificadas (sem especialização produtiva nos lotes), porém, levando em consideração a diversificação produtiva da região, optou-se por compreender como os diferentes níveis de diversificação impactam na SAN e autoconsumo.

ou menos e (2) Estrato 2: estabelecimentos com mais de 13 cultivos, representando menor e maior nível de diversificação produtiva, respectivamente.

Considerando essas definições, para cada estrato foram atribuídos onze questionários, totalizando vinte e dois estabelecimentos analisados.

No que corresponde aos produtos, na produção agrícola foram definidas sete classes: frutas, tubérculos, hortaliças, grãos, leguminosas, plantas medicinais e forragem. Já na produção pecuária, foram definidas oito classes: bovinos (corte e leite), aves (corte e postura), suínos, caprinos, ovinos e apicultura. Os dados quantitativos foram analisados por meio de estatística descritiva.

Para obter os dados qualitativos, foram transcritos e analisados trechos das entrevistas gravadas com base na técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), permitindo a identificação de categorias temáticas e a interpretação das percepções dos agricultores. Adicionalmente, foram utilizadas observações registradas em caderno de campo, contribuindo para a compreensão empírica das dinâmicas produtivas no assentamento, sob a ótica da autora.

3. Resultados e discussão

Bem como a maior parte dos assentamentos de reforma agrária do Nordeste, o PA[2] Celso Furtado conta com a subdivisão dos estabelecimentos em lote pequeno e lote grande, ou seja, cada assentado possui acesso legal a esses dois espaços, são dois lotes que constituem sua propriedade[3]. O lote mede, aproximadamente 4 hectares, compostos da seguinte forma: o lote pequeno é destinado à construção da casa e produção de quintal, com uma área de aproximadamente 0,5 hectare (em geral, a produção de quintal é destinada ao consumo doméstico, tópico que será aprofundado ao decorrer do trabalho); o lote grande é uma área idealizada para maximizar a produção agropecuária, com extensão de aproximadamente 3,5 hectares.

No PA Celso Furtado em específico, os lotes pequenos e grandes são espacialmente distantes. Enquanto os lotes pequenos são próximos entre si para favorecer o acesso a necessidades básicas (água e energia, por exemplo), os lotes grandes são distribuídos aleatoriamente, sem necessariamente apresentar proximidade com os lotes pequenos. Além disso, os assentados não necessariamente têm os dois lotes próximos, ou seja, o lote pequeno

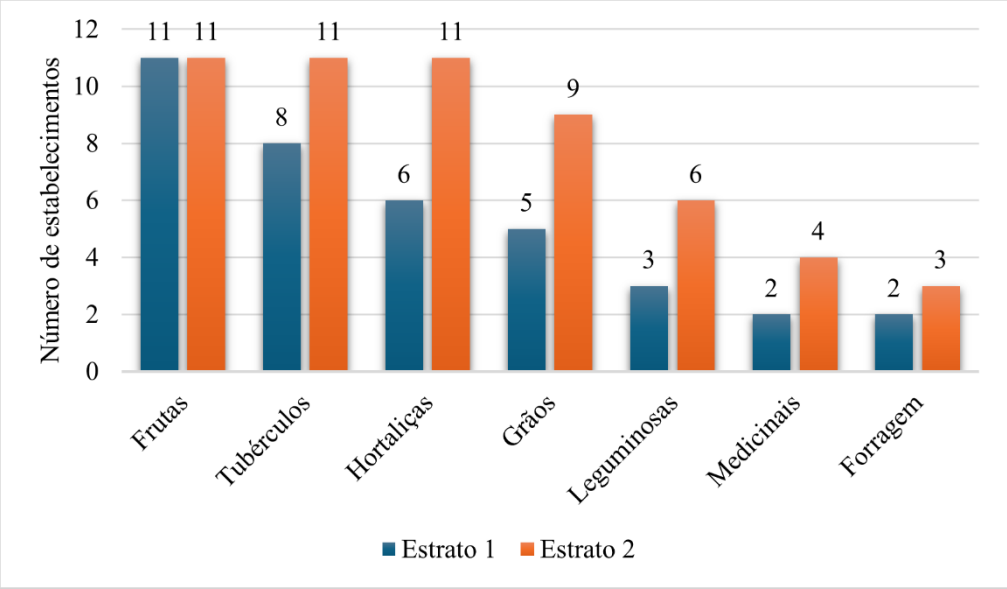
[2] Segundo o INCRA (2024, p. 1), "o assentamento de reforma agrária é um conjunto de unidades agrícolas, instaladas pelo Incra em um imóvel rural". Este se diferencia do acampamento, que é a ocupação temporária de uma área, em geral rural, para fazer valer o uso social da terra.
[3] Trata-se como propriedade pois as famílias assentadas que foram entrevistadas já possuem o título da terra.

pode estar a norte do assentamento e o lote grande a sul, o que gera a necessidade de deslocamento entre uma área e outra.

Além da questão fundiária, para melhor entendimento dos estratos produtivos, faz-se necessário caracterizar esses agricultores em idade, renda e escolaridade. No estrato 1, 73% dos assentados possuem entre 45 e 65 anos, 81% têm escolaridade equivalente ao ensino fundamental incompleto e 54% possuem como principal renda a aposentadoria. No estrato 2, 73% dos assentados possuem entre 45 e 65 anos, 81% têm escolaridade equivalente ao ensino fundamental incompleto e a renda está distribuída entre aposentadoria (36%) e bolsa família (36%).

Dito isso, o foco deste trabalho, que é analisar os aspectos relacionados a produção e destino da produção agropecuária do PA Celso Furtado é essencial para compreender as dinâmicas produtivas do assentamento. A Figura 2 mostra a produção agrícola para as diferentes categorias de produção, nos diferentes estratos produtivos. A grande diversidade de cultivos agrícolas levou a organização em categorias, visto que seria inviável analisar produto por produto.

Figura 2 – Produção agrícola dos estabelecimentos familiares dos diferentes estratos do PA Celso Furtado.



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

De acordo com a Figura 2, a produção agrícola se divide em sete categorias: frutas, tubérculos, hortaliças, grãos, leguminosas, medicinais e forragem (alimentação animal). Com exceção das frutas, todas as outras categorias apresentaram maior número de lotes no estrato 2.

A produção de frutas é realizada por todos os lotes do assentamento nos diferentes estratos, dessa forma, é possível afirmar que todas as famílias desenvolvem ao menos um tipo de produção agrícola. A antiga Fazenda Aruari, que hoje é o PA Celso Furtado, contava com uma grande diversidade florística que incluía uma ampla gama de espécies frutíferas, a exemplo dos coqueiros, mangueiras, bananeiras e gravioleiras. Dessa forma, apesar de ser caracterizada como produção agrícola, é importante ressaltar que a maior parte das árvores frutíferas presentes nos lotes não foram plantadas pelos assentados, já estavam nos lotes. Ainda assim, todo o processo de manejo, manutenção do pomar e colheita dos frutos para que estas plantas continuem produzindo é realizado inteiramente pela família, garantindo que sua dieta continue diversificada e em alguns casos, ocorra venda. Além disso, a maior parte das frutas cultivadas são destinadas ao consumo doméstico, caracterizando-se como produções não monetárias de grande importância na reprodução social (Grisa, 2007; Ramos; Borges, 2021; Bellentani, 2010).

Os outros produtos agrícolas apresentam maior discrepância entre os estratos, onde as categorias tubérculos, hortaliças e grãos são as mais produzidas no Grupo 2. Ainda, no geral, o estrato 2 é composto por famílias mais integradas ao mercado (especialmente os mercados de proximidade[4]), o que contribui com uma maior produção, especialmente daqueles produtos que se adaptam melhor às condições edafoclimáticas do assentamento e não demandam manejo excessivo, que é o caso dos tubérculos, representados pela macaxeira, inhame e batata-doce; e hortaliças, com maior produção de coentro, cebolinha e quiabo.

Ademais, em comparação às outras categorias de produtos, os tubérculos e grãos também são produzidos na maioria das unidades pertencentes ao estrato ‘menor e igual a 13’. Os tubérculos supracitados caracterizam-se como alimentos tradicionais sergipanos, compondo o perfil produtivo e cultura alimentar não só das populações de Sergipe, mas do Nordeste, visto que recuperam e mantém saberes e conhecimentos empíricos e geracionais perdidos no espaço agrário moderno (Fabrini, 2017; IBGE, 2025). O perfil produtivo do município de Santo Amaro das Brotas evidencia a alta produção de frutas e tubérculos (IBGE, 2025), ou seja, a produção do assentamento está diretamente ligada a fatores regionais e alimentares, contribuindo para que esses produtos sejam altamente difundidos, contribuindo para a alimentação diária e obtenção de renda.

No que corresponde aos grãos, a produção está diretamente ligada à criação de galinhas, pauta que será tratada posteriormente, visto que esta categoria é composta apenas pelo plantio

[4] As famílias assentadas realizam a venda em feiras, mercearias próximas ao assentamento, além de realizar a venda entre vizinhos (porém, nesse caso, o que prevalece são as relações de troca).

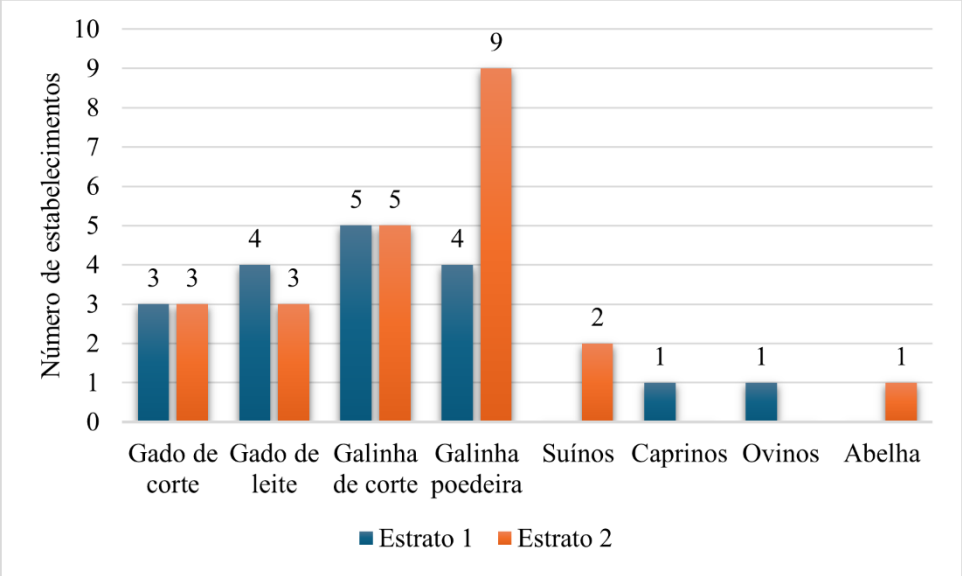
de milho (com exceção de um estabelecimento que produz milho e café simultaneamente). O milho produzido é direcionado para alimentação desses animais e alimentação humana (milho verde) em épocas festivas, como é o caso do São João e São Pedro, importantes no contexto nordestino.

As leguminosas são uma categoria altamente afetada pelas condições edafoclimáticas, o que dificulta sua produção. Isso é evidente pois, mesmo no que corresponde ao estrato de maior diversificação, ela não é tão difundida. Apesar da colheita ser possível, muitos assentados perdem safras ao longo dos anos, o que gera desânimo para a manter a sucessão de plantios, ocasionando a queda drástica na produção desses alimentos, que passam a ser adquiridos no mercado.

Para finalizar a parte da produção agrícola, há, ainda, plantas medicinais e forragem. O plantio das medicinais é motivado por questões pessoais, constantemente associado ao tratamento de doenças, como apontado por Freitas *et al.*, (2023) que as plantas medicinais estão associadas aos saberes tradicionais relacionados à cura. Dessa forma, as plantas medicinais não cumprem papel primário na alimentação das famílias, mas merecem destaque por resgatar saberes e conhecimentos geracionais dos assentados. A forragem é direcionada à alimentação do gado bovino, onde poucos assentados realizaram o plantio de capineiras e cana-de-açúcar como um suporte à nutrição desses animais.

A produção pecuária também é um componente importante na composição da alimentação das famílias, principalmente porque alguns dos cultivos agrícolas são destinados quase que exclusivamente à alimentação animal. Dessa forma, a Figura 3 ilustra a produção pecuária do PA Celso Furtado por estrato de produção.

Figura 3 – Produção pecuária dos estabelecimentos familiares dos diferentes estratos no PA Celso Furtado.



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Como pode ser observado, a produção pecuária no assentamento é realizada em menor proporção se comparada a agrícola. Em geral, há fatores que contribuem com esse fenômeno e atingem os dois estratos de produção: a distância entre o lote pequeno e lote grande e a presença de estradas em péssimas condições, o que dificulta o acesso entre essas áreas.

A possibilidade de criar gado bovino de forma extensiva no lote pequeno é baixa, visto que o espaço é limitado. Além disso, a questão da idade dos assentados também contribui com a preferência por criação de animais de pequeno e médio porte, uma vez que exigem menos deslocamento. As famílias que realizam criação de bovinos de corte, em geral, possuem melhor acesso ao lote grande, seja porque a casa foi construída lá, seja porque fica próximo ao lote pequeno, entre outros fatores territoriais e culturais. Ademais, a criação de gado de corte está ligada à ideia de rentabilidade e não de autoconsumo, conforme o relato do Entrevistado 01: *"o gado é mais lucro"*. Salientando que nesse tipo de criação os bovinos são comercializados vivos, já que não há abatedouros no assentamento e proximidades. Já a criação de gado leiteiro é realizada em menor escala, com destino primário ao autoconsumo, o que possibilita a realização nos lotes pequenos.

No aspecto da produção pecuária, os estratos apresentam pouca diferença entre si, com exceção da galinha de postura. Essa diferença ocorre não pela falta de interesse dos assentados do estrato 1 em realizar esse tipo de atividade, mas sim porque ainda irão iniciar a criação. A partir da análise das entrevistas, pode-se perceber que três dos estabelecimentos pretendem

iniciar a criação de galinhas em breve, sendo que um desses retornará à atividade depois de um período de pausa, conforme os relatos:

> "Acabei [com a produção], tava acabando com a roça, mas galinha é boa, vou criar galinha de novo aqui." (Entrevistado 01).
>
> "Teve. Agora mesmo estou começando com a galinha e codorna, só que estou esperando para trazer." (Entrevistada 05).
>
> "Mas nós vai começar, porque a gente vai, a gente tem um projeto nosso mesmo, sabe. De fazer uma cerquinha aí, né, um murinho aí para criar umas galinhas, uma galinha para comer." (Entrevistada 21).

Já outro estabelecimento, deixou de criar galinhas em decorrência dos roubos e captura das galinhas pelos animais da área de reserva legal, que gerou frustração e abandono da atividade, conforme o relato: *"Não, galinha também não quis mais não, que eles [ladrões] vem buscar, o peba*[5] *também vem buscar a raposa vem buscar também e come."* (Entrevistada 11).

Por fim, dos outros três estabelecimentos do estrato 1, dois não tem interesse em atividades pecuárias, situação que também ocorre no estrato 2, e um produz apenas galinhas para corte.

A galinha poedeira é a principal atividade pecuária do PA, realizada exclusivamente nos quintais produtivos, visto que são animais que se adaptam a esses locais. Ademais, a produção de galinhas (seja de corte ou ovos) nos quintais produtivos da agricultura familiar se justifica pela possibilidade de criá-las em pequenos espaços, com baixo manejo e que apresentam condições ambientais adversas (Sá; Sá; Simões, 2021, p. 7), que é o caso do Celso Furtado. Para além das questões produtivas, a criação de galinha, ao contrário do gado, está diretamente associada à noção de autoconsumo com venda do excedente, conforme os relatos:

> "Às vezes. A galinha também, às vezes vende alguma, mas não vende muito não, o que vende mais é o gado, gado a gente vendia, agora a galinha não." (Entrevistada 06)
>
> "Vendo. Só não vendo mais de que consumo, é que também é muito ovo, né." (Entrevistada 12).
>
> "Eu quase não vendo, é muito difícil chegar a um aí que fala, bem, tô doida pra comer uma galinha. Aí eu pego e vendo aquela, mas não é de vender não, sou mais de usar dentro de casa, porque não tem veneno, né." (Entrevistada 14).

A criação de suínos é condicionada a diversos fatores e é realizada por assentados que tem uma localização mais afastada do lote pequeno, o que contribui com o menor incômodo

[5] O peba (*Euphractus sexcinctus*) é uma espécie de tatu que habita florestas, nativo da América do Sul (Adema, 2020).

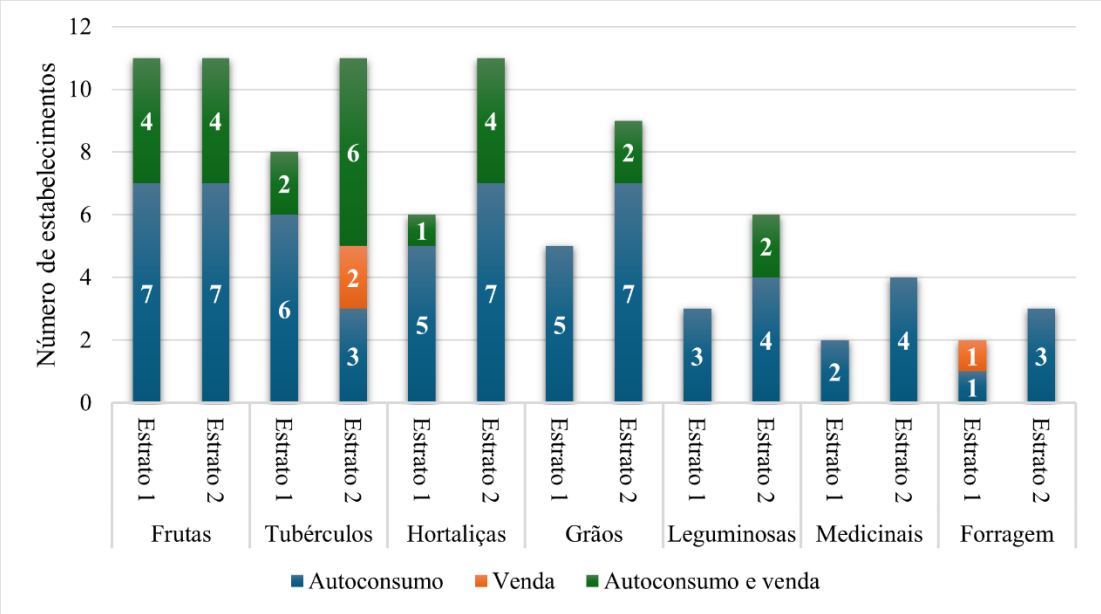
com o cheiro da pocilga. Há o interesse por parte dos assentados em desenvolver a criação de suínos no assentamento, porém, o acesso dificultado ao lote grande e o grande acometimento de roubo desses animais constituem fatores limitantes para essa criação. Conforme relatos:

> "Porque sem querer eu fiz, pra não reclamarem, né? Por causa do fedor, né? Por causa do vizinho. Eu já fiz ele [o chiqueiro] quase na divisa, né? Né muito longe não, né? Mas deu graça de roubarem, e no dia que ia matar eu tinha três. A ideia é deixar o casal para parir." (Entrevistada 04).
>
> "Porque os porco foi lá embaixo, aí teve um tempo que tá dando muito gasto, aí nós foi e parou e as ovelhas a mesma coisa tá começando a andar muito. Eu digo, vamos parar, aí nós parou por um tempo." (Entrevistada 05).

Os caprinos, ovinos e abelhas são casos específicos. Os caprinos e ovinos são criados pela mesma assentada e está associada a questões culturais, visto que os pais e outros membros da família realizavam essa produção, também. Por fim, a abelha, que está presente em apenas um lote, com objetivo de obter o mel. Esse produtor realiza a criação de abelhas por motivações próprias, sendo uma atividade que ele gosta e obtém rentabilidade.

Buscando compreender a destinação desses produtos agrícolas e pecuários, a Figura 4 mostra uma relação entre autoconsumo, venda e autoconsumo e venda da produção agrícola dos diferentes estratos produtivos.

Figura 4 – Autoconsumo, venda, autoconsumo e venda da produção agrícola dos estabelecimentos familiares dos diferentes estratos no PA Celso Furtado.



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Endossando o que foi dito anteriormente e relacionando com a Figura 4, o estrato 2 é o que apresenta o maior número de lotes produzindo diferentes categorias de produtos, especialmente no que corresponde à agricultura. Além do que corresponde apenas ao produtivo, o estrato mais diversificado apresenta, também, uma maior proporção de venda dos seus produtos. Nesse aspecto, algumas questões podem ser inferidas a partir das percepções do caderno de campo: a maior parte das famílias desse estrato vivem apenas com a renda do bolsa família, que tende a ser menor que a renda proveniente da aposentadoria e, em geral, são as que mais acessam canais de comercialização, especialmente feiras. Esses fatores caminham para a necessidade de rendas alternativas, que contribuam com o aumento da renda per capita da família (que são maiores no estrato 2). Ou seja, como a renda oriunda do bolsa família é inferior à aposentadoria, o estrato 2 busca alternativas de renda que componham sua renda total.

A proporção de autoconsumo e autoconsumo e venda é igual entre os estratos apenas para as frutas. A venda delas é motivada por uma questão quantitativa, visto que, tratando-se de frutas sazonais, há um alto volume em um curto período, motivando a venda e partilha desses produtos. Alguns produtores relatam:

> "Tem também é acerola, carambola, esqueci de falar, e pitanga. Goiaba também tem muito, tem muito pé de goiaba. Tudo isso eu vendo, na época tudo isso eu vendo [...] Acerola consome e vende também, enquanto tá na safra a gente consome e vende, né. Porque pensa em uma bichinha que rende também, né." (Entrevistada 12).
>
> "Tem horas que eu perco até as contas. 3 ali na frente, 5 aqui, 8 você não dá vencimento. Aí às vezes aí eu olho, aí dou, porque ela vai muito vender na barra, né, dona *****, as frutas, aí ela leva para mim, entendeu?" (Entrevistada 2).

Além das frutas, os produtos que apresentam uma boa proporção de autoconsumo e venda são os tubérculos e as hortaliças. No que corresponde aos tubérculos, a venda é mais acentuada no estrato 2. Ademais, esses produtos são os que apresentam os maiores estabelecimentos realizando a venda. O plantio de macaxeira, inhame e batata-doce está altamente relacionado à rusticidade dessas culturas, que se adaptam às condições edafoclimáticas hostis, a exemplo de climas adversos e solos de baixa fertilidade (Souza *et al.*, 2013). A demanda e o preço pago por esses produtos na região também contribuem com esse cenário, visto que dentre todas as categorias de produtos agrícolas cultivados no assentamento, os tubérculos são os mais rentáveis dentro do contexto que os produtores estão inseridos.

As hortaliças apresentam maior proporção de autoconsumo e menor destinação a venda, sendo que o estrato menos diversificado nem realizam a venda desses produtos. A produção desses alimentos é constantemente ligada à produção para autoconsumo, visto que são produtos

com alta perecibilidade e a obtenção desses alimentos na zona urbana é mais dificultosa (Grigol *et al.*, 2022). Ademais, segundo os autores, as hortaliças se caracterizam como alimentos complementares ao tripé "arroz, feijão e carne".

No que tange os grãos, a produção está diretamente ligada a proporção da criação das galinhas e, como foi evidenciado anteriormente, o estrato 2 detém a maior parcela da produção desses animais. Dessa forma, o estrato mais diversificado investe mais na produção de milho, sendo uma parte essencial da alimentação dos animais, o que permite aos assentados despenderem menos dinheiro com ração. Conforme os seguintes relatos:

> "Vende e consome mais do que vende. Porque ele maduro assim eu vendo pouco, porque a gente cria galinha, né, aí deixa secar para poder dar para as galinhas." (Entrevistada 12).
>
> "Só se fosse muito para debulhar [daria] para vender. É para galinha, esse negócio. Agora para comer, não presta não que é miudinho, a terra é fraca num dá não." (Entrevistada 09).

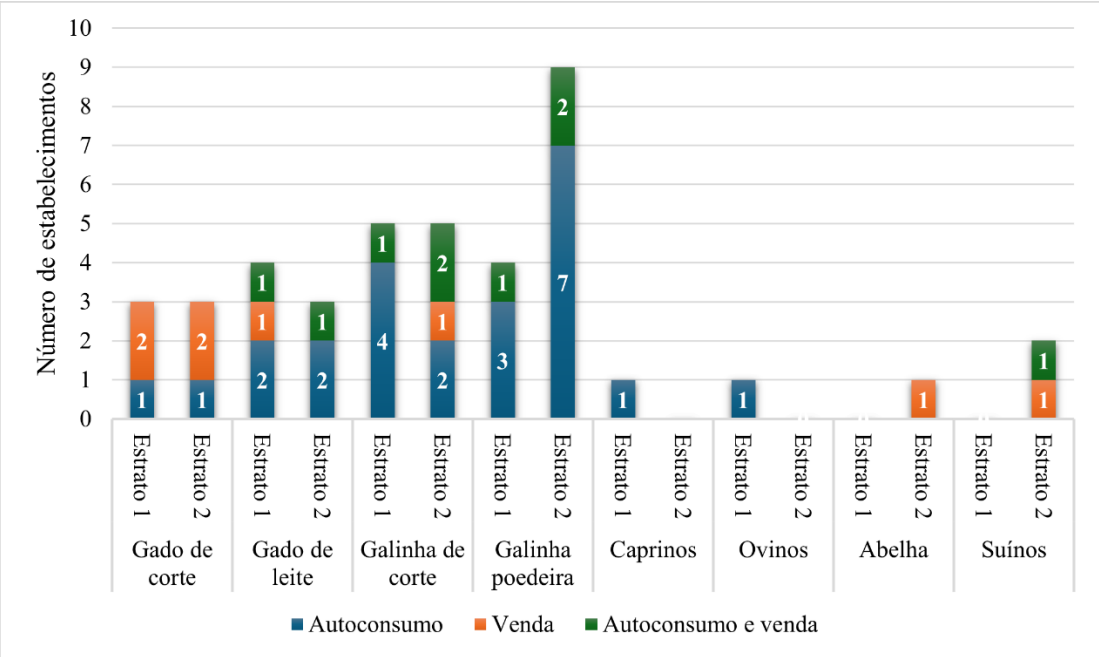
Como o estrato menos diversificado cria menos galinhas, há menor produção de milho, proporcionalmente. Além disso, a venda do milho pelo estrato mais diversificado está associada às épocas festivas, onde a demanda por esse grão é alta.

As leguminosas, como explicado anteriormente, são produzidas em menor proporção em decorrência de fatores edafoclimáticos. A venda está associada ao feijão-de-corda que, quando a plantação evolui para a colheita, ao separar a produção para o autoconsumo, vende-se o excedente, conforme explica a entrevistada 03: *"quando dá muito, aí a gente vende"*.

As medicinais são utilizadas somente para suprir as demandas da saúde das famílias, ao passo que a forragem é destinada para alimentação animal, com venda em apenas um lote do menor estrato. Esse caso em específico ocorreu em uma época em que o produtor produzia muita cana-de-açúcar, que motivou a venda. Ademais, mesmo que o estrato menos diversificado não realize a venda na mesma proporção que o mais diversificado, a produção voltada majoritariamente ao autoconsumo é fator essencial para diminuir a vulnerabilidade da alimentação das famílias assentadas, isto pois, independente das relações de mercado, a família é abastecida de alimentos de qualidade (Grigol *et al.*, 2022).

Buscando avaliar a mesma relação na produção pecuária, a Figura 5 mostra a relação entre autoconsumo, venda e autoconsumo e venda dos produtos da pecuária, nos diferentes estratos de produção.

Figura 5 – Autoconsumo, venda, autoconsumo e venda da produção pecuária dos estabelecimentos familiares dos diferentes estratos no PA Celso Furtado.



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Conforme a Figura 5, é possível observar que a proporção de venda dos produtos pecuários é mais incisiva que a dos produtos agrícolas, principalmente considerando que esse tipo de produção é realizado em menor proporção. Como indicado anteriormente, a maior parcela dessa produção é representada pela pecuária de pequeno porte, quais os motivos já foram explicados anteriormente na Figura 3.

Dentre todas as pecuárias, o gado bovino é a produção majoritariamente destinada à venda, para os dois estratos de produção. Isso está associado principalmente à forma que os assentados enxergam o gado de corte, caracterizando-se como uma segurança financeira e agregadora de renda, conforme o relato:

> "É, mas o gado também dá um dinheirinho, né. Que a gente, né, vende, né e sempre tem, né? Fazer 1 exame, fazer uma cirurgia, como a minha menina mesmo foi operada, teve que pagar. A gente cria pra isso." (Entrevistada 22).

Dessa forma, muitos produtores continuam criando gado como uma forma de garantir necessidades básicas, especialmente ligadas a saúde, e se preparar para urgências que possam surgir. A condição de assentado, por si só, caracteriza-se como uma situação de vulnerabilidade, visto que para ter acesso a alimentação, saúde, educação e lazer, há necessidade de sair do assentamento. Para tal, há necessidade de uma reserva de dinheiro que é garantida pelo gado.

Ademais, as famílias que criam gado, em geral, já vêm de famílias pecuaristas, o que indica a sucessão de costumes e saberes.

A produção de leite tem base no autoconsumo e venda do excedente, ao contrário da produção de corte, destinada à venda. Além disso, a forma de criação dos animais de leite é diferenciada, contando com rebanhos menores, limitando-se a um ou dois animais, que são criados no lote pequeno. Entre os estratos, a forma de criar gado de leite é semelhante, o que justifica os resultados próximos.

As galinhas, tanto para corte quanto para leite, são as maiores produções pecuárias do assentamento. A principal diferença entre a criação de gado e galinhas é a destinação, visto que a criação de gado é associada a renda e a criação de galinhas é associada a alimentação. Além disso, a venda dos ovos é esporádica, que flutua de acordo com a quantidade produzida e com a demanda das pessoas de dentro e fora do assentamento, pois muitas pessoas realizam a produção de ovos no Celso Furtado. Isso fica evidente a partir de alguns relatos:

> "Não, os ovos muita gente tem aí, não gosta de comprar, não [...] eu consumo e dou também." (Entrevistada 15).
>
> "Vendo os ovos, quando tem muito eu saio por ai vendendo" (Entrevistada 13).

Ademais, a venda das galinhas para corte é condicionada à demanda pela carne e à idade dos animais, que são abatidos quando ficam velhos e improdutivos para obtenção de ovos, conforme os relatos:

> "Tudo que eu quero para consumo caseiro e quando ela [galinha] passa do tempo passa para a venda. Porque não vou consumir tudo sozinho, mas o que eu quero é pra consumo caseiro." (Entrevistado 7).
>
> "A galinha vendo menos, assim, só quando alguém quer comer uma galinha e ligam e me vende uma galinha? Ai eu vendo, mas eu crio ela mais para produzir o ovo." (Entrevistada 13).

A abelha é produzida em apenas um lote, sendo destinada exclusivamente para venda do mel. Esse é um caso específico, como ocorre com ovinos e caprinos, que são criados apenas para o consumo de carne. Além disso, os ovinos e caprinos carregam uma questão cultural da família, visto que os antecessores da assentada que realiza essa criação também criavam ovinos e caprinos.

Com isso, é importante frisar que a diversificação produtiva no PA Celso Furtado impacta diretamente na quantidade de alimentos que são destinados ao consumo das famílias. A produção destinada ao consumo doméstico é de suma importância para garantir o acesso a

alimentos de qualidade e em quantidade suficientes, pilares que regem os preceitos da SAN. Dessa forma, existe uma correlação explícita entre SAN, autoconsumo e diversificação produtiva.

4. Considerações finais

A partir dos resultados apresentados anteriormente, conclui-se que o contexto produtivo do PA Celso Furtado se organiza prioritariamente em torno do autoconsumo, o que resulta em uma diversificação das atividades produtivas. Nesse sentido, ao considerar os dois estratos analisados, observa-se que a lógica de produção está diretamente vinculada às demandas das famílias, e não às exigências do mercado, em ambos os estratos. Essa dinâmica é orientada por necessidades físicas, econômicas, alimentares e culturais dos assentados, independentemente do grau de diversificação das atividades da família.

Tendo em vista que a presente pesquisa aborda a questão produtiva, é possível perceber que ambos os estratos seguem aspectos semelhantes. Em relação a agricultura, ambos os estratos produzem todas as categorias estabelecidas, porém, o estrato 2 detém o maior número de lotes produzindo; enquanto o estrato 1 produz em menor proporção, especialmente tubérculos, hortaliças e grãos, produtos que são mais exigentes em questões edafoclimáticas. No que diz respeito à pecuária, este comportamento é mais sutil, visto que os estratos realizam as mesmas criações na mesma proporção, com exceção da galinha poedeira. A pecuária, ao contrário da agricultura, é realizada em poucos lotes de ambos os estratos tendo em vista questões de acesso ao lote maior e idade das pessoas assentadas. Ou seja, considerando esse panorama, pode-se concluir que o estrato 2 é mais diversificado que o estrato 1, pois, apesar de produzir as mesmas classes de cultivos e criações, realiza em maior número de lotes.

A diversificação se associa diretamente ao autoconsumo e à venda. O estrato 1 detém uma produção agrícola muito voltada ao autoconsumo, indicando que a produção serve de apoio alimentar, permitindo que a renda monetária da família seja destinada para quaisquer outras necessidades que não a alimentação. Porém, sua produção pecuária é voltada majoritariamente à venda. Fazendo distinção, o estrato 2 realiza autoconsumo e venda dos produtos da agricultura, realizando, também, a venda dos produtos pecuários. O estrato 2 diversifica mais e, consequentemente, realiza mais vendas, pois as famílias desse estrato são maiores e utilizam da agropecuária para compor sua renda monetária. Ou seja, a produção de ambos os estratos é convertida em alimento, porém, o estrato 2 converte, também, em renda (mais que o estrato 1).

Referências

ADMINISTRAÇÃO ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE – ADEMA. **Tatu-Peba**. Aracaju: ADEMA, 2020. Disponível em: https://adema.se.gov.br/tatu-peba/. Acesso em: 10 mar. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, v. 70, p. 279, 2016.

BELIK, Walter. Examinando o conceito de segurança alimentar e nutricional e suas novas dimensões. **Texto para discussão**. Unicamp: Instituto de Economia. Campinas, n. 460, 2024. Disponível em: https://www3.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD460.pdf. Acesso em: 03 mar. 2026.

BELLENTANI, Nathalia Freire. **Indicadores de desenvolvimento humano no campo e na cidade - Ribeirão Preto, SP**. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/9c5ddad0-a5d0-4c03-9190-2fce4a289520. Acesso em: 30 dez. 2025.

CUSTÓDIO, Maria Battaglia; FURQUIM, Nelson Roberto; SANTOS, Greici Maria Mansini; CYRILLO, Denise Cavallini. Segurança Alimentar e Nutricional e a construção de sua política: uma visão histórica. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 18, n. 1, p. 1-10, 2011. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8634683/2602. Acesso em: 20 dez. 2025.

DANTAS, Natalie Marinho; SOUZA, Camila Valdejane Silva de; VALE, Diôgo. Contribuição da agricultura familiar para a Segurança Alimentar e Nutricional: evidências a partir da diversidade de alimentos de origem vegetal. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 31, n. 00, p. 1-26, 2024. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8677254. Acesso em: 15 mar. 2026.

DESMARAIS, Annette Aurélie. La Via Campesina: Globalização e o poder dos camponeses. **Revista Nera**, ano 10, n. 10, p. 165-173, 2007. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1418. Acesso em: 02 dez. 2025.

FABRINI, João Edmilson. Território, classe e movimentos sociais no campo. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 07, p. 97–112, 2017. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/6542. Acesso em: 15 jan. 2026.

FREITAS, Gabriela de Menezes; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta; SOSSAE, Flávia Cristina; FILIPAK, Alexandra. Quintais produtivos: expressões de resistência das mulheres assentadas em territórios de monocultura. **Retratos de Assentamentos**, v. 26, n. 2, p. 163-183, 2023. Disponível em: https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/560. Acesso em: 25 jan. 2026.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. A Produção da autonomia: os "papéis" do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, Editora da UFRRJ, v. 15, p. 89-122, 2007. Disponível em: https://www.revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/283/279. Acesso em: 05 mar. 2026.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GRIGOL, Natália Salaro; MOLINA, Silvia Maria Guerra; SANT'ANA, Gustavo da Cunha; GARAVELLO, Maria Elisa de Paula Eduardo. Produção para autoconsumo e segurança alimentar entre assentados rurais do Alto Xingu, Mato Grosso, Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 60, n. 2, p. 1-19, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.233195. Acesso em: 20 dez. 2025.

GRISA, Catia. **A produção "pro gasto": um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul**. 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11001/000601676.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12 jan. 2025.

GRISA, Catia. Segurança alimentar e autonomia na agricultura familiar: a contribuição da produção para o autoconsumo. **Revista de extensão e estudos rurais**, v.1, n. 1, p. 97-129, 2011. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/rever/article/view/3278/1549. Acesso em: 12 jan. 2025.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sergio. "Plantar pro gasto": a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 46, n. 2, p. 481-515, abr.-jun. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/resr/a/ZNNKJRcfQX9tGPTWRqXLgRG/?format=pdf. Acesso em: 12 nov. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Produção Agrícola Municipal – PAM**. 2025. Disponível em: http://www.sidra.ibge.gov.br/. Acesso em: 20 out. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA. **Assentamentos**. Brasília: Incra, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/assentamentos. Acesso em: 06 abr. 2026.

MALUF, Renato Sérgio; MENEZES, Francisco; VALENTE, Flávio L. Contribuição ao tema da segurança alimentar no Brasil. **Cadernos de Debate**, v. 4, n. 1, p. 66-88, 1996. Disponível em: https://sswm.info/sites/default/files/reference_attachments/MALUF%20et%20al%20(1996).pdf. Acesso em: 30 ago. 2025.

MODENESE, Valéria da Silva; SANT'ANA, Antonio Lázaro. Diversificação produtiva e de comercialização de agricultores familiares assentados de Mirandópolis (SP): contribuições do Programa de Aquisição de Alimentos. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 57, n. 4, p. 636–655, out. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/resr/a/x7YcM7gGZjJhnkZDMQbJvXf/?lang=pt. Acesso em: 15 nov. 2025.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Brasil: Editora UFRGS, 2008.

RAMOS, Elaine Aparecida; BORGES, Ana Claudia Giannini. As formas de produção e reprodução social nos assentamentos rurais. **Revista NERA**, v. 24, n. 59, p. 36-57, 2021. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/8737. Acesso em: 08 out. 2025.

RIBEIRO, Leandro Nieves. A Via Campesina: a globalização e o poder do campesinato. **Revista Nera**, ano 16, n. 23, p. 167-170, 2013. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/2664. Acesso em: 17 set. 2025.

SÁ, Cristiane Otto de; SÁ, José Luiz de; SIMÕES, Tania Valeska Medeiros Dantas. **Criação, Conservação e Multiplicação de Galinhas de Capoeira na Agricultura Familiar**. 1. ed. Aracaju, SE: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2021. 33 p. Disponível em: https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1135805/1/CartilhaGalindaCapoeira-versao-final-digital.pdf. Acesso em: 10 set. 2025.

SCHINAIDER SEGUNDO, Charla Basílio; CRUZ, Fabiana Thomé da; QUINTANILHA, Karolino Torres; CORCIOLI, Graciella. Diversificação produtiva pela agricultura familiar e segurança alimentar e nutricional: uma revisão narrativa. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 60., 2022, Natal. **Anais[...]**. Natal: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2022. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/sober2022/485489-DIVERSIFICACAO-PRODUTIVAPELA-AGRICULTURA-FAMILIAR-E-SEGURANCA-ALIMENTAR-E-NUTRICIONAL-- UMA-REVISAO-NARRATIVA. Acesso em: 02 nov. 2025.

SCHNEIDER, Sérgio. Reflexões sobre diversidade e diversificação: agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. **RURIS (Campinas, Online)**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, 2012. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16832. Acesso em: 19 out. 2025.

SOUZA, Remy Farias de; SILVA, Ivandro de França da; SILVEIRA, Flávio Pereira da Mota; DINIZ NETO, Manoel Alexandre; ROCHA, Igor Tenório Marinho da. Análise econômica no cultivo da mandioca. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 8, n. 2, p. 20, 2013. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7395409. Acesso em: 09 nov. 2025.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a estabelecimento da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Brasil: Editora da UFRGS, 2009.